

**“Menino, com quem aprendeu?”<sup>1</sup> – como os antigos aprendizes vêm seus mestres  
hoje**

VIVIAN FONSECA<sup>2</sup>

A capoeira é vista de diferentes maneiras pelos mais diversos grupos e mestres, sendo encarada, na maioria das vezes, como uma mistura de dança, luta, jogo, arte e esporte. Cada mestre enfatiza um desses aspectos durante seus treinos e rodas, variando de acordo com o grupo e/ ou a escola a que pertencem. O papel dos mestres nessas escolhas mostra-se fundamental, uma vez que eles não exercem apenas a liderança dos grupos, sendo estes formados a partir da figura desses mestres. Mais que um líder, o mestre de capoeira aparece não só como a pessoa que adquiriu determinadas habilidades e experiências, e sim como o principal responsável pela formação moral dos outros capoeiristas, e pelos atos de seus discípulos.

A valorização da figura do mestre coincide com o processo de institucionalização da capoeira a partir dos anos 1930, quando há o surgimento de Escolas. O importante a ser destacado dessa transformação é o fato de que, a partir da criação das duas Escolas baianas, a capoeira passa a ser ensinada em locais fechados, através de métodos de ensino. Esse processo gerou uma institucionalização e hierarquização no interior da capoeira, na qual o mestre aparece no alto dessa escala. É ainda, nesse momento, que podemos pensar numa ressignificação da idéia de mestre. Somente com a criação de uma escola, com um professor e alunos, que o mestre passa a ser a figura norteadora das relações na capoeira. Apesar de já existir essa figura anteriormente, é nesse momento que ela ganha destaque, passando esse título a ser valorizado mais intensamente. Nesse sentido, no presente trabalho busco compreender de que maneira os mestres constroem e recuperam o passado, procurando dar

---

<sup>1</sup> O título é parte de uma música escrita por um integrante do grupo ABADÁ-Capoeira. Segue trecho da música onde a frase aparece:

“Quando o meu mestre se foi/ Toda a Bahia chorou, Iaia ioio/ Iaia ioio iaia ioio (coro)  
Oi menino, com quem aprendeu? (2x)/ Aprendeu a jogar capoeira aprendeu/ Quem me ensinou já morreu (2x)/ O seu nome está gravado/ Na terra onde ele nasceu/ Salve o Mestre Bimba/ Salve a Ilha de Maré/ Salve o Mestre que me ensinou/ A mandinga de bater com o pé”.

<sup>2</sup> Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais do CPDOC/ FGV. E-mail para contato: [vivianluizfonseca@gmail.com](mailto:vivianluizfonseca@gmail.com)

visibilidade e legitimidade às suas escolhas e posturas atuais. Além disso, procuro analisar as maneiras pelas quais suas memórias são articuladas, conscientemente ou não, formando as fronteiras identitárias dos grupos que organizam e destacando-os em um mercado de trabalho cada vez mais saturado. Ainda, busco discutir por quais vias passam os significados que cinco famosos Mestres atribuem aos seus antigos Mestres e como esses significados dialogam com questões políticas contemporâneas.

Ao se lembrar de algo, o indivíduo está construindo uma determinada representação do passado e busca controlá-lo de maneira que suas considerações estabeleçam-se como verdade. A partir do momento em que a memória é mobilizada como controle do passado, ela busca, igualmente, um controle do presente. Quando quem lembra se propõe, em alguma medida, a entender suas lembranças enquanto representante da memória de um grupo, como acontece com os mestres de capoeira, deve-se lembrar a “noção de que a memória torna poderoso(s) aquele(s) que a gere(m) e controla(m)” (SEIXAS, 2001: 42). Isso se dá, pois, ao falar de memória fala-se, inevitavelmente, de gestão de identidades, fronteiras pelas quais os grupos vão se organizar e se enxergar no mundo.

Em uma história da memória, na qual deve-se atentar para os processos de construção e leitura do passado, lança-se luz sobre o tipo de abordagem do passado e, fundamentalmente, como “o presente o utiliza e o reconstrói” (ROUSSO, 2004: 7). No caso da presente pesquisa, analisar como os mestres relembram seus antigos mestres e quais os graus de importância que eles conferem à participação desses homens em sua formação, ou na do campo da capoeira de maneira geral, nos diz muito de seus projetos atuais e dos quadros sociais nos quais eles estão inscritos no presente. Em contraposição a uma pretensa memória desinteressada, deve-se levar em consideração que o indivíduo que lembra, o faz com alguma finalidade. Esta, por sua vez, implica em uma determinada maneira de se lembrar o passado. Os mestres, na posição de herdeiros, dão grande atenção às relações estabelecidas com seus antigos mestres, quando ainda se colocavam como aprendizes. Não raro, o mestre aparece não somente como professor de técnicas, mas também como formador moral dos Mestres que tive a oportunidade de entrevistar. Após conversarmos sobre o início desses Mestres na capoeira, como se deu o interesse, momento no qual, inevitavelmente aparece a figura do Mestre, pergunto a eles qual a importância do Mestre na vida deles. Em alguns momentos, não se faz

necessária a pergunta e a resposta aparece diluída ao longo de toda a entrevista, pois na maioria dos casos, o assunto retorna em meio às considerações sobre outros aspectos.

**Vivian Fonseca:** Qual foi a grande influência do Mestre Poeira na sua vida?

**Contra-mestre Urubu<sup>3</sup>:** A grande influência da minha vida, do Mestre Poeira? O Mestre Poeira foi a primeira pessoa que me freou, assim, né? Porque na época de infância você tem muitas oportunidades negativas, né? E poucas oportunidades positivas no sentido de trabalho, e essas coisas todas. E o **Mestre Poeira era um líder comunitário, que todo mundo queria ser igual a ele.** E na época o **Mestre Poeira era o nosso espelho.**  
[grifos meus]

\*\*\*

**VF:** E qual a influência que você atribui do seu mestre, do Crioulo, na sua vida?

**Mestre Russo<sup>4</sup>:** **Ele era um primo-irmão,** então foi a influência assim, de um dos irmãos mais velhos, aquela coisa mesmo de **tomar conta, de orientar, guiar, de influenciar até na educação né, acaba influenciando na educação...**E também **não foi só uma referência pra mim como capoeirista, mas como pessoa** também, do caráter, de coisa assim da honestidade, da simplicidade também, ser uma pessoa simples sempre mantendo os pés no chão, acho que foi legal, **foi pra mim uma referência, forte.** [grifos meus]

\*\*\*

**VF:** Como o senhor define a influência do Mestre Bimba na sua vida?

---

<sup>3</sup> Contra-mestre Urubu encontra-se hierarquicamente logo abaixo da figura de mestre, já tendo autorização para ter seu próprio grupo. Pertence à linhagem Angola e ministra suas aulas da Lapa, região central do Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> Mestre Russo lidera uma das mais tradicionais rodas de rua do estado do Rio: a Roda Livre de Caxias, região da Baixada Fluminense. É representante de uma capoeira mais vinculada às ruas e procura se definir como um resgate de uma capoeira anterior às divisões em Escolas, algo que remonta aos escravos.

**Mestre Camisa<sup>5</sup>**: Grande. Grande porque eu perdi o meu pai muito cedo. (...) E você me perguntou a influência dele... foi muito grande porque eu tinha perdido o meu pai. (...) E ele [Mestre Bimba], que era uma pessoa mais velha, cheia de sabedoria, com um grande conhecimento. Não é? Então a referência era ele. Se eu tinha dúvida de alguma coisa eu perguntava a ele. Também, tinha o meu irmão mais velho. Que também era aluno dele. Que também me ajudou, foi meu segundo pai. Mas o Mestre Bimba ajudou muito na minha personalidade. Na forma de ver as coisas. Acreditar. Ta entendendo? Confiança. Determinação. Personalidade forte. Adquiri e aprendi com a convivência. De estar formando a sua personalidade de alguma forma. Se você tiver uma boa referência vai colher boas coisas na sua personalidade e na sua formação. Então eu agradeço a formação que eu tenho como homem e como cidadão ao Mestre Bimba. A postura de homem e de mestre, de pai, de tudo, que ele tinha. [grifos meus]

Tanto para o Contra-mestre Urubu, quanto para os Mestres Camisa e Russo, o Mestre ganha destaque mais como um formador moral do que como um capoeirista. Na trajetória de Russo, ainda nota-se uma característica distinta. Crioulo, quem iniciou Mestre Russo na capoeira, não era apenas seu professor, mas também seu primo, o que contribuiu para um estreitamento ainda maior dos laços entre eles. Além do mais, Russo afirma que sua mãe só o deixou jogar capoeira porque havia a figura do primo mais velho garantindo a sua segurança. Já que, segundo o Mestre, sua mãe julgava que a capoeira poderia ser uma prática violenta, resultando em possíveis machucados em seu filho. A figura de líder, modelo de homem a ser seguido, aparece em diversos momentos nos quais são tocados os nomes dos antigos mestres. Mesmo Urubu, que com o tempo passou a treinar em outra vertente de Capoeira, a Angola, afirma que continua mantendo forte o relacionamento com Mestre Poeira, seu primeiro Mestre, pois afirma que “a gente não pode esquecer a raiz”. Essa idéia de raiz, ou seja, de origem, mostra-se muito presente na capoeira. Um capoeirista que não teria uma referência é comumente

---

<sup>5</sup> Mestre Camisa foi aluno de Mestre Bimba. Seu irmão, Grão-mestre Camisa Roxa, é considerado um dos melhores alunos que Bimba já teve. Camisa é Mestre de um dos maiores grupos atualmente, com cerca de 40 mil pessoas a ABADÁ-Capoeira.

identificado como um capoeirista que tem sua qualidade questionada. Ainda mais nas últimas décadas do século XX, quando as capoeiras de academias superaram definitivamente as capoeiras de rua.

Na fala de Mestre Vilmar<sup>6</sup>, diferentemente do que foi colocado nos depoimentos acima, seus Mestres, Djalma Bandeira e Artur Emídio, não aparecem como formadores morais, e sim como professores técnicos de golpes e movimentações. Apesar de colocar que a capoeira salvou sua vida, pois, segundo Vilmar, sua mãe colocava como condição fundamental para sua continuidade na capoeira que ele conseguisse um alto aproveitamento na escola, seu Mestre não aparece como o seu salvador.

**Maurício Xavier:** A gente queria que o senhor falasse um pouquinho mais sobre esse início da formação do seu mestre, qual foi a influência dele, a importância dele na sua vida. (...)

**Mestre Vilmar:** Bom, a importância da capoeira na minha vida eu já expus. Ela foi fundamental, me abriu todas as portas.

**VF:** E com o mestre, como era a relação?

**MV:** Segundo, o **meu Mestre Djalma Bandeira, era um Mestre muito técnico.** (...) ele sabia ensinar os golpes direitinho. O Artur Emídio era mais artístico, digamos assim.

**VF:** O Artur Emídio chegou a dar aulas pro senhor?

**MV:** Chegou. Porque o Artur foi que mandou o Djalma dar aulas às crianças do IAPC. O Artur morava em Bonsucesso. Para divulgar a capoeira, o Artur lutava no ringue contra os Gracie na época, né? E ele disse assim, Djalma...**O Djalma era o melhor aluno do Artur.** Aí o Artur disse assim: Djalma, dá aula às crianças de graça aí, em Olaria. (...) **Quem é o meu mestre? Djalma Bandeira. Mas o meu segundo Mestre foi o Artur Emídio. Porque não adianta também você só aprender os golpes de capoeira, você tem que jogar.** E no jogo a gente copiava era o Artur, porque ele realmente tinha uma capoeira bonita. (...) Então, eu sou um produto, **eu e quem aprendeu capoeira lá, aprendeu uma boa capoeira.**

---

<sup>6</sup> Mestre Vilmar é oriundo e ministrava suas aulas no subúrbio do Rio de Janeiro. É discípulo de um Mestre bastante conhecido no Rio, Artur Emídio, não se vinculando às Escolas baianas. Atualmente não usufrui de uma posição de destaque na capoeiragem nacional e carioca.

é como, digamos assim, a ABADÁ, que botou muito aquela capoeira objetiva. (...) **Então, a principal característica do meu mestre é que ele era um lutador.** [grifos meus]

Outro traço interessante diz respeito ao fato de Mestre Vilmar mobilizar dois capoeiristas como Mestres: um, Djalma Bandeira, outro, Artur Emídio. Este, por sua vez, alcançou uma grande notoriedade na capoeira carioca, muito maior que a de seu aluno, Djalma, que é apresentado, na fala de Vilmar, não à toa, como o “melhor aluno de Artur Emídio”. Obviamente, o que se pretende não é questionar até que ponto Emídio pode ou não ser considerado um segundo Mestre de Vilmar, e sim mapear por quais questões passam essas memórias. Na época em que Vilmar aprendeu capoeira, na década de 1960, deve-se lembrar, procurava-se afirmar, mais do que nunca, a capoeira enquanto luta. Logo, seu Mestre Djalma Bandeira ser lembrado como um grande lutador, não agrega a ele características negativas, como um leitor desavisado de hoje poderia pensar.

Mestre Leopoldina, Mestre de Nestor Capoeira, em entrevista cedida à antropóloga Izabel Ferreira, também fala da importância de Artur Emídio na sua formação. Leopoldina não se iniciou na capoeira com Artur, e sim com o Quinzinho, que seria o equivalente a um chefe de gangues. Leopoldina é um dos últimos ícones da capoeira de rua, da malandragem, bastante mítica no imaginário da capoeira, principalmente a carioca. Essa capoeira, seria um estilo de pancada, como geralmente é identificada a capoeira carioca, em contraposição à baiana, normalmente vista com seus traços lúdicos e rituais mais acentuados. Apesar desse início na capoeira pelas ruas do Rio, Leopoldina, após um contato com Artur Emídio na Academia de Valdo Santana, lutador profissional, onde Artur dava aulas, passou a experimentar uma mudança de postura. Sua capoeira, no entanto, continuou sendo vista, ao longo dos anos, mais como uma capoeira da malandragem do Rio, do que como uma capoeira de academia, apesar das influências inegáveis desta e de Artur, por exemplo, na formação de um método de ensino próprio. Leopoldina, em geral, ao falar do Mestre Artur Emídio, destaca sua faceta de grande capoeirista e seu papel em uma melhora de sua condição social. Leopoldina realiza o contraponto do momento anterior à presença de Artur Emídio em sua vida: de viciado em “tóxico” e sem emprego, como ele mesmo aponta, passou a não

utilizar mais drogas ilícitas, a trabalhar e dar aulas de capoeira. A despeito da fama de Mestre Artur Emídio, principalmente no Rio de Janeiro, destaco para as mobilizações feitas em torno das figuras dos Mestres Bimba e Pastinha, os grandes nomes da capoeira moderna.

Esses Mestres, à medida que se consolidaram como grandes ícones da capoeira são rotineiramente mobilizados. Não apenas por seus alunos diretos e capoeiristas vistos como herdeiros de suas tradições (é o caso de alunos dos alunos dos Mestres, como Urubu), como também por capoeiristas de outras Escolas. São feitas, rotineiramente, interpretações distintas sobre trajetórias desses dois Mestres e que nos informam quais são os projetos políticos desses capoeiristas hoje.

Com relação ao Mestre Bimba, em uma interpretação, normalmente feita pelos mestres que não foram alunos e não seguem a Escola de Mestre Bimba, este é identificado como o deturpador ou o descaracterizador da capoeira. Bimba é visto, muitas vezes, como o Mestre que inseriu golpes de outras lutas, levou a capoeira para o ringue e elitizou-a, esvaziando suas tradições e rituais. Por isso, Getúlio Vargas teria apoiado a sua capoeira, pois a desligava de características populares e/ou negras e de um “mundo da malandragem” que cercava a prática. Vargas, ao suportar a Capoeira de Bimba, estaria tentando discipliná-la e enquadrá-la dentro de um parâmetro que, na realidade, estaria esvaziando-a do seu sentido original. Por outro lado, seus ex-alunos procuram ressaltar que Bimba foi um grande conhecedor e divulgador da cultura negra, de onde surgiu a capoeira. Eles procuram destacar que, ao realizar as mudanças na capoeira que se praticava no período, Mestre Bimba possibilitou que ela conseguisse visibilidade e se espalhasse por diferentes grupos sociais. Nesse caso, o presidente Getúlio Vargas, ao sentir a força que esse modelo de Capoeira estava ganhando, deu suporte a ela em busca de maior apoio social. Vargas teria dado maior destaque à Capoeira Regional porque ela atualizava e retirava de si elementos pejorativos como marginalidade, ao ser ensinada em espaços próprios, as academias. Mais ainda, alguns apontam que se hoje a capoeira é praticada, deve-se em grande parte ao Mestre Bimba.

**Vivian Fonseca:** Por que o senhor acha que muita gente fala que a capoeira Regional ela seria mais uma prática esportiva, então que ela seria dedicada a aprimorar os golpes, os movimentos?

**Mestre Camisa:** Não. Não concordo. Não concordo. **Isso aí é um movimento anti-Bimba.** (...) O que tinha, e que não era de outra luta, era como cobaia pra aprender a se defender. (...) Mas **a Capoeira Regional tem toda uma tradição, tem toda uma cultura** e uma série de coisas que se vê hoje que diz que é Regional que não é. Que não existia na Regional. **Regional tem todo um ritual, tem um fundamento, tem uma história, tem uma tradição, tem uma cultura desenvolvida pelo Mestre Bimba que não tem em capoeira praticamente nenhuma.** E o trabalho da capoeira, eu acho que **a Regional, a idéia de Mestre Bimba é uma evolução, um desenvolvimento da capoeira antiga. Porque diz hoje,** os próprios pesquisadores, vocês que são historiadores vão pesquisar e ver, que a capoeira, o próprio **nome Angola é tão contemporâneo quanto a Regional.** Porque antes não se achava capoeira Angola nos livros antigos, referência, acha capoeiragem, capoeira, não é? (...) Então o problema, essa coisa do Mestre Bimba. Então todos falam: ah, Bimba lutador, ninguém fala que o Bimba, **a forma de cantar era impressionante, como os africanos. Excelente tocador de berimbau.** (...) O método, ninguém fala. A postura, ninguém fala. **Ligado às culturas e tradições africanas,** ogã, alabê, a mulher dele é de Queto, ele de Angola. Ou de Angola ou de Queto e a mulher de Angola. Então conhece as nações Queto e Angola. **Preservou as tradições,** o homem que tinha poligamia, duas mulheres viviam em harmonia, juntos. Vinte e tantos filhos. Culturas africanas foram herdadas dos...Pô, como é que é? O homem que preservou todo na religião, na família, nas lutas, porque tudo dentro das lutas dele tem nas culturas africanas. Africano luta agarrado, luta dando cabeçada, luta de cotovelada. Então, **eu vejo um referencial das... Buscando nos africanos, o Bimba o maior representante.** Ninguém fala, entendeu? Sempre de lutador, dá aula pra elite pra...Porra. **A elite que ele dava Mestre Pastinha também dava.** [grifos meus]

O depoimento de Nestor Capoeira<sup>7</sup>, mesmo não tendo sido aluno de Mestre Bimba, como Camisa, vai ao encontro da fala do discípulo de Bimba, com elementos muito parecidos nas duas falas. Cabe lembrar que o Grupo ao qual Nestor se filia durante boa parte de sua trajetória na capoeira, o Senzala, quando surgiu, tinha em Bimba sua grande referência.

**VF:** Mas de onde veio a idéia de se chamar Senzala?

**Mestre Nestor Capoeira:** “Primeiro temos que dar nome”. “Eu quero Quilombo!” “Eu quero Senzala!”.

**VF:** Sempre tentando buscar uma referência...?

**MNC:** Porque é o seguinte: todo mundo era ligado no Bimba. O Bimba. **As pessoas, especialmente o pessoal da Angola, tentam falar como se o Bimba fosse um cara muito fora das tradições. Ele tinha um Candomblé** dentro da casa dele. Ele era o cara do Candomblé.

**VF:** A mulher dele era mãe de santo.

**MNC:** Exato. **A mulher dele era mãe de santo.** Samba de roda, **ele batia samba de roda. Maculelê ele mandava demais...** era um cara **completamente dentro daquela cultura.** (...) Mas o que tentam fazer é estereotipar ele como se ele fosse um cara, assim, um pouco mais escravo dos brancos. (...) Que dava aula para a classe média, vendido (...) [grifos meus]

Atualmente busca-se um discurso conciliatório, sendo assim, tanto angoleiros como praticantes da Regional ou da Contemporânea, fazem questão de ressaltar o papel tanto de Bimba quanto o de Pastinha no processo de revalorização da capoeira, efetivado a partir dos anos 1930. As disputas acerca da memória do Mestre que teria uma capoeira mais ligadas às culturas negras, de onde surgiu a prática, são apresentadas como valorizações normais das próprias correntes, como algo que seria comum em qualquer prática, não apenas na capoeira. Apesar desse discurso conciliatório, ainda mostra-se

---

<sup>7</sup> Mestre Nestor Capoeira é reconhecido como originário de uma das mais importantes escolas cariocas, com grande projeção nacional e internacional, o Grupo Senzala. Destaca-se dos demais por uma condição financeira mais elevada, tendo largado sua carreira de engenheiro para se dedicar à capoeira. Hoje em dia tem seu próprio grupo intitulado Escola Nestor Capoeira.

nítido o racha na construção de uma memória da capoeira autêntica. Urubu, angoleiro, ressalta pontos diferentes relativos ao Mestre Bimba e sua criação, dos Mestres Nestor e Camisa:

**Contra-mestre Urubu:** Olha só, por um lado pode ser bom (a criação de Bimba), por outro lado ser ruim. Vou falar pelo lado bom. O lado bom é que ele foi o primeiro Mestre a ter academia própria e divulgou a capoeira na mídia, né? Mestre Bimba foi a Getúlio Vargas, na época. Getúlio Vargas, né?

**VF:** É.

**CmU:** Getúlio Vargas, ele foi lá e aí foi que Getúlio Vargas assinou a liberação da capoeira. Porque **a Capoeira Regional, na época, ia pro ringue**, ta entendendo qual é? E ganhou alguns lutadores de outras lutas. Então, o quê que aconteceu? **A capoeira tomou nome, tomou condição, apareceu pra mídia, foi pra Zona Sul.** Então, quer dizer, o nome “capoeira” se espalhou aí pelo mundo. Por outro lado, **foi ruim porque perdeu um pouco da tradição, da raiz.** Hoje em dia você vê muita gente fazendo capoeira... **Essa coisa do cordel, da corda é de origem outras lutas.** [grifos meus]

O Contra-mestre Urubu ao falar da Regional, e que “a capoeira tomou nome, tomou condição, apareceu pra mídia, foi pra Zona Sul”, projeta valores de separação do espaço urbano carioca para explicar as mudanças que aconteceram quando foi criada a Capoeira Regional. Nesse caso, Zona Sul seria entendido como uma elitização da capoeira e sua divulgação dentre as classes mais abastadas. Apesar de ressaltar que a expansão da capoeira é sim um ponto positivo, ele aponta os riscos de esvaziamento dessa prática.

Ao compararmos as falas dos Mestres Camisa e Nestor e do Contra-mestre Urubu, torna-se evidente essa polarização em torno da criação de Mestre Bimba e dele próprio. Camisa e Urubu fazem uso da história formal para explicar e argumentarem sobre suas posições. No entanto, significados distintos são dados por eles. Ao passo que Camisa faz questão de ressaltar as raízes negras de Bimba e da Regional, Urubu aponta

que a Capoeira de Mestre Bimba teria “perdido as tradições”. Estas, entretanto, teriam sua preservação garantida com a divulgação e a manutenção da Capoeira Angola, comumente chamada de Capoeira Antiga e/ ou Tradicional, com o objetivo de deixar clara a sua ancestralidade e autenticidade. Essas diferentes verdades, em muitos casos, são fundamentadas em documentos históricos interpretados de maneira a dar sentido às suas falas. Não obstante, é possível, igualmente, encontrar argumentos em trabalhos acadêmicos que, apesar de passarem por regras próprias ao meio universitário, tomam versões de determinados grupos como verdades absolutas. Nesses casos, todo o caminho da pesquisa é percorrido de maneira a encontrar, ao final, unicamente o que já se pretendia. Seja entrevistando pessoas de uma mesma corrente, seja buscando documentos que ofereçam os mesmos pontos de vista.

Nestor Capoeira de maneira consciente reflete sobre as questões de tentativa de hegemonia de um grupo em relação a outro, quando se colocam as diferentes interpretações sobre Mestre Bimba. De maneira geral, em diversos momentos de sua entrevista, Nestor aborda a questão da busca de mercado como um dos motivos para tomadas de decisões em diversos aspectos. Tanto em uma maior exigência para se tornar mestre, quanto para as visões sobre as correntes, por exemplo. Esse ponto se coloca como destaque à medida que a disputa de mercado, muitas vezes evidente, não costuma ser tratada. Tudo acontece como se a capoeira estivesse imune a tensões econômicas. Os jogos de linguagem presentes no campo da capoeira atribuem motivações somente ideológicas, esvaziando-se a tensão presente relativa à disputa de alunos e do mercado externo (*workshops*, palestras, batizados etc). Evidentemente, a lógica econômica não determina e não é a única a definir as tensões presentes nos diferentes embates sobre concepções acerca da prática. No entanto, ignorar tal aspecto seria negar questões cada vez mais presentes no mundo atual, onde um mercado cada vez mais saturado torna a competição por postos de trabalho um elemento quase que inevitável.

Enquanto Mestre Bimba é visto como uma figura polêmica, sendo atribuídos diferentes sentidos à sua trajetória, Mestre Pastinha, apesar de igualmente cultuado, não atrai tantos discursos antagônicos. A visão sobre ele costuma ser mais conciliadora, aparecendo normalmente como o grande organizador da Capoeira Angola. A polêmica se dá quando Bimba é colocado como o deturpador e Pastinha como o preservador.

Frente a isso, os defensores de Bimba apontam para o aspecto da preservação da cultura negra por Bimba e que modificações também foram implementadas por Pastinha. Exemplos de mudanças realizadas por Pastinha colocam-se no que diz respeito à criação de um centro de treinamento, a CECA, de dar aulas também para a classe média, e sua ligação com intelectuais e universitários.

**Mestre Camisa:** É, muita gente tá mudando a opinião, tinha opinião formada sobre o Mestre Bimba, depois do filme [Mestre Bimba – a capoeira iluminada] começou a mudar. Começaram a entender. Mestre Bimba tinha vários lados. Então tiveram grandes...**Eu coloco o Mestre Pastinha e o Mestre Bimba, os dois grandes mestres da história da capoeira. Tiveram contemporâneos, mas eles foram os dois iluminados.** E o Mestre Bimba, pelo o que ele fez, ele fez muita coisa com capoeira, levou capoeira pra todos os cantos, mais lugares do que você imagina. E se tem a capoeira hoje no mundo, é influência deles dois. E principalmente do Mestre Bimba. 80 % da capoeira do mundo é influenciada pelo Mestre Bimba. E 20% pela capoeira de Mestre Pastinha. Não tirando o mérito de Mestre Pastinha, muito pelo contrário, eu coloco ele ombro a ombro com Mestre Bimba. Respeito admiro e defendo os dois: como os grandes Mestres da capoeira. Eu tiro o meu chapéu, me curvo e bato palma pros dois. Não tem esse negócio. Eu não preciso falar de Mestre Pastinha pra engrandecer o Mestre Bimba, que foi meu Mestre. Muito pelo contrário. Então eu conheci o Mestre Pastinha, tenho grande admiração por ele. Tiveram outros grandes mestres também, mas foram os dois iluminados da capoeira. (...) Ninguém tem direito de falar de uns homens desses! Viveram uma época precária e venceram. Poxa! É ou não é?! **Ficam disputando, jogando um com o outro achando que a história da capoeira é botar os dois pra brigar. Não é isso!** Eu tenho os dois juntos no meu coração. Eu só tenho um coração. Tinha que ter dois pra botar os dois. (...) Mas é como eu lhe disse, rapaz, **ferindo esses dois Mestres tá ferindo a história da capoeira**, dividindo eles. Cada um tem seu caminho, mas o objetivo era o mesmo: Ver a capoeira bem, ver a

capoeira reconhecida, ver as escolas que têm hoje... **São os modelos essas duas escolas, que espalharam a capoeira pro mundo.** Então, todos têm valor. Não precisa tá um criticando ou tirando o valor do outro pra se promover. Não precisa! [grifos meus]

\*\*\*

**VF:** E, o senhor fala muito que a capoeira deve ser definida na alma. Eu queria que você falasse um pouquinho sobre isso, como é que se dá isso...

**Mestre Russo:** É porque hoje as pessoas estão discutindo a capoeira como se ela existisse da década de 30 pra cá, do século XX. E aí, é muito legal você considerar isso porque **essa questão de vertente, de denominações, vieram a partir de dois ícones, né, que foi o Mestre Pastinha e o Mestre Bimba,** que merecem respeito e merecem serem lembrados, né? Mas, se a gente considerar a capoeira só a partir daí, a gente acaba suprimindo toda uma história, entendeu? Que a capoeira ainda não tinha uma denominação, mas já existia na alma das pessoas. E continua existindo na alma das pessoas independente de ter um vertente ou não, de ter uma definição. Através de uma denominação não, entendeu? É o que tá definido na alma de cada um, essa é a minha consideração. [grifos meus]

\*\*\*

**MX:** E o seu mestre, o senhor percebia naquela época alguma influência do método do Bimba?

**Mestre Vilmar:** No Artur Emidio não, só a capoeira alta e objetiva.

**MX:** Mas ele se considerava Regional?

**MV:** Se considerava regional, mas não com aquele método do Bimba. Porque o Artur era tão famoso como Bimba e Pastinha. O Bimba e o Pastinha eram famosos porque a Bahia sempre fez um bom *marketing* e o Rio de Janeiro não fazia um bom *marketing*. Embora o Artur seja baiano, porque está vivo ainda – mas foi no Rio de Janeiro que ele venceu –, ele veio para o Rio, começou a lutar, começou a ensinar capoeira, viajou o mundo inteiro com a capoeira, em vários *shows*.

**MX:** Na Bahia ele se formou com quem?

**MV:** Paizinho, não é conhecido. Mas eu digo, **no que concerne à fama, o Artur era tão conhecido no Brasil quanto Pastinha e Bimba.** [grifos meus]

Os Mestres Russo e Vilmar trazem diferentes concepções sobre as tensões entre os dois mestres mais famosos da capoeira. Tanto Vilmar quanto Russo, não fazem parte de Escolas vinculadas aos saberes dos Mestres Bimba e Pastinha. Russo valoriza, no seu dia-a-dia, uma capoeira que se propõe a recuperar uma capoeira anterior à divisão em Escolas. Sendo assim, ao falar desses dois Mestres e de suas criações, ele ressalta que ambas são criações recentes e que já havia uma capoeira anterior aos seus estilos e que seria justamente a que ele busca resgatar. Vilmar, por outro lado, aluno de Mestre Artur Emídio, que não se identifica com nenhuma das duas Escolas baianas, ressalta a fama de seu Mestre que teria equivalência aos Mestres Pastinha e Bimba. Ao fazerem isso, tanto Russo quanto Vilmar, estão agregando maior valor aos estilos de capoeira que praticam e fazem parte. O reconhecimento pode passar não só pela vinculação ao Bimba e ao Pastinha, mas também buscando-se uma alternativa a eles.

Ao longo do trabalho de campo, passando por inúmeras rodas de diferentes estilos e mestres, uma questão se mostrou recorrente para os capoeiristas com quem tive contato: o passado. Ainda que, até hoje, um número expressivo de mestres não tenha tido acesso ao processo completo de educação formal, todos eles utilizam em suas falas conhecimentos históricos para explicar a trajetória da capoeira e, claro, deles mesmos. Como dito anteriormente, pela posição de destaque que os mestres apresentam na capoeira, as interpretações sobre as suas trajetórias se dão de diversas maneiras. Nesse sentido, são ressaltadas características distintas dos mestres pelos discípulos. Posições atuais diferentes trazem consigo interpretações específicas do passado, pois, como relembra Halbwachs (2004), reconstruir um passado significa fazê-lo a partir de quadros sociais do presente. Como herdeiros e principais articuladores de seus grupos de capoeira, esses mestres se enxergam como porta-vozes de suas escolas e de seus discípulos. Não obstante, em geral, os capoeiristas reconhecem esses mestres ratificando suas falas e decisões.

## **Bibliografia**

### **Depoimentos:**

- Vilmar da Cruz Brito (Mestre Vilmar) realizada no Rio de Janeiro no dia 03 de Novembro de 2005. Entrevistadores: Vivian Fonseca e Maurício Xavier.
- Célio Luiz de Paula Gomes (Contra-mestre Urubu) realizada no Rio de Janeiro no dia 14 de Novembro de 2005. Entrevistadores: Vivian Fonseca e Maurício Xavier.
- José Tadeu Carneiro Cardoso (Mestre Camisa) realizada no Rio de Janeiro no dia 21 de Março de 2006. Entrevistadores: Vivian Fonseca e Maurício Xavier.
- Jonas Rabelo (Mestre Russo) realizada em Belford Roxo no dia 23 de Agosto de 2006. Entrevistadora: Vivian Fonseca.
- Nestor Sezefredo dos Passos Neto (Mestre Nestor Capoeira) realizada no Rio de Janeiro, no dia 20 de novembro de 2008. Participação de Ligia Cavalcanti de Albuquerque. Entrevistadora: Vivian Fonseca.
- Mestre Leopoldina realizada em 19 de agosto de 2001. Entrevistadora: Izabel Ferreira. (Transcrição da entrevista concedida pela autora).
- Mestre Artur Emídio de Oliveira, em 28 de abril de 2001. Entrevistadora: Izabel Ferreira. (Transcrição da entrevista concedida pela autora)

### **Fontes Secundárias**

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar. Textos em história oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004, p.13-31

\_\_\_\_\_. “Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras.” *História Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral. São Paulo, ABHO, v. 8, n.1, jan.-jun. 2005, p. 11-28.

AMADO, J. & FERREIRA, M. (orgs.). *Usos de Abusos da História Oral*. 6ª edição, Rio de Janeiro; Editora FGV: 2005.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 8ª edição, Rio de Janeiro; Bertrand Brasil: 2005.

DEVEREUX, Georges. “L’identité ethnique: sés bases logiques et sés dysfonctions”. IN: \_\_\_\_\_. *Ethnopsychanalyse complémentaire*. Paris: Fmarion, 1972. P. 131-168.

FERREIRA, Izabel. *A Capoeira no Rio de Janeiro: 1890-1950*. Coleção Capoeira Viva. Editora Novas Idéias. Rio de Janeiro, 2007.

FRIGERIO, Alejandro. *Capoeira: de arte negra a esporte branco*. Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_10/rbcs10\\_05.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_10/rbcs10_05.htm).

GOULART, Luiz Fernando. Documentário intitulado *Mestre Bimba – A Capoeira Iluminada*. Biscoito Fino, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: ed. Centauro, 2004.

HOBSBAWM, E. & RANGER, T. (orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1984.

- JOUTARD, P. “Desafios à história oral do século XXI”. In: ALBERTI, V; FERNANDES, T.M; FERREIRA, M. (orgs.). *História Oral – desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz - Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC - Fundação Getúlio Vargas: 2000.
- LAVABRE, Marie Claire. “De la notion de mémoire à la production des mémoires collectives”. In: CEFAÏ, Daniel. *Cultures Politiques*. Paris, Puf, 2001.
- LE GOFF, Jacques. “Memoria”. *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1, Memória-História. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 11-50.
- LEJEUNE, Philippe. “Le pacte autobiographique”, disponível em <http://www.autopacte.org/> 2006. (Último acesso: agosto/ 2008)
- MURICY, Antônio Carlos. Documentário intitulado *Pastinha: uma vida pela capoeira!* Rio de Janeiro, 1998.
- POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1989, v. 2, n. 3, p. 3-15.
- \_\_\_\_\_. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1992, v. 5, n. 10, p. 200-12.
- ROUSSO, Henry. “Les Dilemmes d’une mémoire européenne” In: *Studies in Contemporary History*. (2004) cópia.
- RUSSO DE CAXIAS. *Capoeiragem – Expressões da Roda Livre*. Rio de Janeiro, Impresso Brasil, 2005.
- SODRÉ, Muniz. *Mestre Bimba: corpo de mandinga*. 2002. (cópia, sem maiores informações)
- VASSALO, Simone Ponde. “Capoeiras e intelectuais: a construção coletiva da capoeira autêntica”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 2003, v.2, n.32, p 106-124